

TAZARA foi primeiro passo na alteração da dependência que o imperialismo criou

— Samora Machel na Zâmbia

Transcrevemos de seguida o discurso do Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, pronunciado na sessão inaugural da 9.ª Conferência Geral da UNIP, onde o dirigente moçambicano realçou o espírito que deve guiar a cooperação africana, numa via totalmente oposta à que os colonialistas tentaram impor.

Camarada Kenneth David Kaunda Presidente da UNIP e Presidente da República da Zâmbia; Excelências; Estimados delegados, Senhoras e Senhores:

É com profunda alegria que participamos neste momento histórico da vida do povo zambiano.

Trazemos do nosso País a mensagem de amizade e solidariedade do povo moçambicano, do Partido Frelimo e do Governo da República Popular de Moçambique.

Trazemos connosco o amor e o carinho de milhões de moçambicanos que desde sempre e, particularmente na luta, aprenderam a admirar a grandeza do povo heróico da Zâmbia.

De cada vez que chegamos a esta terra africana sentimos emocionados o calor da hospitalidade fraterna que sempre se espelha nos rostos dos homens, mulheres, velhos e crianças que no dia a dia edificam com o seu trabalho e amor uma Pátria Unida e Livre, que é a República da Zâmbia.

A recepção de que fomos alvo ao chegarmos ao Aeroporto de Lusaka calou-nos fundo o coração e sentimos quão digna é a Zâmbia de possuir um povo com tão grandiosa força.

No Aeroporto de Lusaka sentimos o calor do sol que nunca desce, que é a cultura de um povo. Vimos através das canções e das danças a personalidade de um povo que se afirma em África e no Mundo erguendo a bandeira da paz e do progresso.

Em Mulungushi ficámos impressionados com a força galvanizadora da UNIP.

Vimos nos rostos, nas mãos que nos acenavam, nos olhares que nos sorriam, estampado o sentimento de cada localidade, distrito e província da Zâmbia. Lemos nos vossos olhos a certeza de que esta Conferência Geral vai ser um sucesso.

Aqui em «Mulungushi Rock» recebemos de vós o calor que matou o frio, neste local histórico onde o querer e a vontade do povo zambiano transformaram a floresta num local aprazível, num local hospitaleiro, onde se plantou a árvore da liberdade, nasceram os frutos que, amadurecidos na experiência da luta contra o subdesenvolvimento, produzem as sementes da riqueza.

É uma lição. É assim que um povo festeja na alegria a sua vitória. Khanimambo povo zambiano. Khanimambo UNIP. Khanimambo Kenneth Kaunda. Khanimambo por esta lição humilde, masterna e cheia de vida. Estimados delegados.

Na tradição gloriosa criada pelos combatentes da liberdade que, há duas décadas, se reuniram aqui sobre o Rochedo de Mulungushi para planejar a luta que conduziu o povo zambiano à independência, os quadros e militantes da UNIP discutem, agora em liberdade, a estratégia do combate contra o subdesenvolvimento e contra a acção do imperialismo.

É a estes quadros e militantes, ao seu ilustre dirigente, o Presidente Kenneth David Kaunda, aos trabalhadores e patriotas zambianos cujas aspirações a UNIP encarna, que nós trazemos as saudações calorosas do Comité Central do Partido Frelimo, dos militantes do nosso Partido e do povo irmão de Moçambique. Os militantes do Partido Frelimo

e o povo moçambicano acompanham com grande interesse os trabalhos do órgão máximo da UNIP. Sentimos que as decisões que vão ser discutidas e tomadas são da maior importância para o nosso povo e para os povos da nossa região.

Por isso, ao saudarmos a Conferência Geral da UNIP, ao saudarmos os delegados à Conferência, os militantes do Partido e o povo zambiano, associamo-nos aos vossos trabalhos e exprimimos a nossa certeza de que eles constituirão mais uma importante vitória para a UNIP e para o povo zambiano.

É natural, irmãos zambianos, que sejam estes os nossos sentimentos. Não podemos falar da história da luta de libertação de Moçambique, sem falarmos da Zâmbia, sem falarmos da UNIP, sem falarmos da coragem e da solidariedade do povo zambiano dirigido pela UNIP.

Não podemos falar da Frelimo, da sua fundação, da sua luta e do seu triunfo, sem falarmos do engajamento da UNIP na libertação total da África, da solidariedade da UNIP para com a nossa luta, dos exemplos que colhemos da experiência histórica da UNIP, do exemplo inspirador do povo zambiano.

A amizade entre a UNIP e a Frelimo é antiga e profunda.

Ela nasceu no processo da fundação da Frente de Libertação de Moçambique, tem as suas raízes na identidade encontrada na mesma exploração e humilhação, na ocupação estrangeira das nossas pátrias.

Ela forjou-se quando a UNIP, ainda na colónia britânica da Rodésia do Norte, apoiou a organização de «branches» da Frente de Libertação de Moçambique. Ela fortaleceu-se quando a UNIP, lutando ainda pela independência da Zâmbia, apoiava a passagem clandestina de moçambicanos em direcção ao Tanganica, onde se iam juntar à Frente de Libertação de Moçambique. Mesmo antes da independência da Zâmbia, a UNIP apoiou a passagem clandestina dos combatentes da FRELIMO para a abertura da frente da Província de Tete.

Conquistada a independência, a Zâmbia tornou-se uma base segura da luta de libertação da África Austral. A UNIP mobilizou o povo zambiano para nos apoiar. Com o desenvolvimento da nossa luta, a Zâmbia tornou-se uma retaguarda estratégica da luta armada de libertação nacional do povo moçambicano. Aqui tivemos campos de trânsito de guerrilheiros e campos de produção para alimentarmos os nossos soldados.

Sob a direcção pessoal do Presidente Kenneth Kaunda, a Zâmbia e o povo zambiano prestaram à nossa luta de libertação apoio material, político e diplomático, assumindo a libertação de Moçambique como uma tarefa que também era sua.

Foi na Zâmbia que se iniciaram as conversações entre a Frelimo e o Governo português para a independência de Moçambique. E foi em Lusaka, na vossa bela capital, que assinámos os acordos que consagraram a vitória do povo moçambicano sobre o colonialismo português.

A amizade entre os nossos dois Partidos assenta assim numa longa tradição da luta comum e militante, tem os seus alicerces na solidariedade activa e militante. Ela reforça-se continuamente porque a causa da UNIP e a causa do Partido Frelimo é a mesma. Os nossos Partidos for-

jaram-se e desenvolvem-se ao serviço dos nossos povos e dos seus interesses e aspirações mais profundas e legítimas: a liberdade, a independência, a justiça, o desenvolvimento, o bem-estar e a paz.

Camarada Presidente Estimados Delegados:

A UNIP constituiu um exemplo de determinação e coragem, uma fonte de inspiração para os povos em luta contra o racismo, o «apartheid», o colonialismo e o neocolonialismo.

A UNIP tem o mérito histórico de, no alvorecer da independência, compreender que essa conquista não estaria completa enquanto o colonialismo e o racismo existissem no nosso continente.

Sem temer as dificuldades, sem olhar a sacrifícios, a Zâmbia foi o primeiro país a fechar as suas fronteiras com a Rodésia do Sul, aplican-

do a não estar independente, porque a Namíbia ainda está ocupada.

Por tudo isso devemos dizer: Obrigado UNIP. Obrigado Zâmbia.

Camarada Presidente Estimados Delegados:

Na primeira linha da confrontação com o colonialismo e o racismo, a Zâmbia desenvolveu com a Tanzânia uma experiência exemplar de coordenação de recursos e de esforços para apoiar as forças de libertação da zona. É no espírito militante dos seus Partidos dirigentes, na lucidez dos seus Presidentes, Julius Nyerere e Kenneth Kaunda, na firmeza dos dois povos que encontramos o embrião deste modelo inédito de cooperação e entendimento que constituem hoje os Países da Linha da Frente.

Foi nesta luta comum que a Zâmbia e a Tanzânia mostraram igual-

mente oposta à que os colonialistas nos tentaram impor. Só assim poderemos ligar Cabo ao Cairo na perspectiva de libertação do nosso continente da dominação e subdesenvolvimento.

Camarada Presidente Estimados Delegados:

A luta pela libertação do nosso continente da ocupação e dominação estrangeira, está indissociavelmente ligada a nomes que permanecerão eternamente vivos na memória dos povos africanos.

Kenneth David Kaunda é um dos nomes que a história já consagra intimamente ligado à causa da libertação nacional e da construção de uma África independente, progressiva e próspera.

O nosso irmão Kaunda é o dirigente que soube sintetizar e assumir as aspirações mais profundas do he-

ra, que os jovens, as mulheres, os camponeses, os operários, enquadrados nas suas organizações e sindicatos fazem do poder do povo, da democracia participativa que constroem, uma barreira intransponível contra a qual se esmagarão todas as tentativas do inimigo.

Hoje somos independentes e soberanos. Os nossos povos têm Partidos que dirigem os seus destinos. Abraçemo-nos e avancemos porque a vitória pertence aos povos, força que nunca é vencida, particularmente quando é conduzida por um dirigente lúcido e determinado como é o nosso querido irmão Kenneth Kaunda. E, acontece que neste histórico encontro estão presentes duas personalidades que engrandecem a História da Humanidade, a História da África Austral. Eles são: Julius Kamuganje Nyerere e Kenneth David Kaunda.

Falar da África Austral é falar de Nyerere, é falar de Kaunda. São dois dirigentes indissociáveis de quem nós, os mais jovens, devemos aprender a força e o valor da Unidade.

Camarada Presidente Estimados Delegados:

O regime do «apartheid», último bastião do colonialismo e racismo no continente africano, intensifica a sua política agressiva e criminosa, semeando a morte e destruição, disseminando a instabilidade e o terror em toda a África Austral.

Os reacçãoários, ambiciosos e corruptos que vivem no nosso seio, são aliçados para traírem a própria pátria e renegarem o próprio povo com a promessa de poderem ter acesso aos despojos da rapina imperialista.

O inimigo move-nos uma guerra não declarada organizando e dirigindo bandos armados e mercenários, perpetrando assassinatos e atentados, fomentando a subversão e golpes de Estado, sabotando a nossa economia. O inimigo procura sistematicamente dividir-nos com base na tribo, na região ou na cor da pele, alienar-nos da nossa cultura e personalidade nacionais, instigar entre nós o boato, a calúnia, a desconfiança.

É neste contexto amplo da estratégia do nosso inimigo que a Conferência Geral da UNIP assume uma grande importância para todos os povos da África Austral.

Para nós, é claro que o sucesso desta Conferência Geral é também um sucesso para o Partido Frelimo e para o povo moçambicano.

Para o nosso povo que, em cumprimento das decisões do IV Congresso do Partido Frelimo, realizado em Abril deste ano, está neste momento engajado na luta contra a agressão sul-africana, no aumento da produção agrícola e alimentar, na consolidação da unidade nacional, a Conferência Geral da UNIP constitui um novo estímulo, reforça ainda mais a sua determinação na luta e a certeza na vitória.

O caminho comum que os nossos povos já percorreram sob a direcção dos nossos Partidos, a luta que em conjunto travámos contra o colonialismo, o racismo e a ocupação estrangeira da Pátria estende-se hoje a novas frentes, Camarada Presidente.

A consolidação da Unidade Nacional, a mobilização e organização dos nossos povos para a batalha pela independência económica, são problemas comuns que se colocam aos nossos Partidos, Camarada Presidente e estimados Delegados.

Organizar a defesa da Pátria, enquadrar os camponeses e operários para nos tornarmos auto-suficientes,

criar empregos e melhores condições de vida, garantir escolas e hospitais para todo o povo, construir estradas e caminhos de ferro para permitir a comercialização, estabelecer a cooperação económica entre Estados na luta contra a dependência, são questões que se colocam de igual modo aos nossos Partidos e Governos.

Servir o povo, lutar pelo seu bem-estar, assegurar que os seus problemas sejam resolvidos com a sua participação em estruturas democráticas, dinamizar a criação de mecanismos que levem à resolução dos problemas do subdesenvolvimento, são tarefas comuns aos dirigentes dos nossos países.

Camarada Presidente Estimados Delegados:

Na base dos problemas que nos são comuns e dos comuns objectivos pelos quais combatemos, alicerçamos a necessidade de reforçarmos os laços que nos unem.

Temos de aprofundar cada vez mais o conhecimento recíproco das experiências dos nossos Partidos, Governos, organizações de massas, das experiências dos nossos povos. Temos de desenvolver cada vez mais a cooperação política, económica, militar, cultural, técnica e científica.

Vimos aqui, a «Mulungushi Rock» buscar ensinamentos da vossa experiência.

Trazemos, caros camaradas e estimados delegados, a reafirmação solene do Partido Frelimo, do Governo da República Popular de Moçambique, de todo o povo moçambicano, da nossa profunda solidariedade com a UNIP e com a Zâmbia. Trazemos também a reafirmação da amizade firme do povo moçambicano para com o povo zambiano nesta guerra prolongada que declaramos contra o subdesenvolvimento, na luta que travamos, ao lado de toda a humanidade, pela erradicação do racismo e exploração, pela paz, progresso e a felicidade dos povos.

Camarada Presidente:

Não posso terminar sem saudar o brilhante discurso que pronunciou nesta Conferência. Sa me permitem, gostaria de me considerar delegado da UNIP a esta Conferência Geral e não um convidado. Se me permitem, vou dizer: proponho que aproveemos o discurso de abertura como documento de orientação básica para os trabalhos desta Conferência. Este documento, do ponto de vista político, económico, cultural e estratégico, tem uma dimensão que ainda não podemos ver nesta Conferência.

Por isso é que o nosso documento é um instrumento de trabalho para todos os militantes da UNIP.

Finalmente, expressamos a nossa convicção de que os trabalhos desta Conferência Geral da UNIP terminarão com sucessos, permitindo que a UNIP e o seu dirigente incontestável, Kenneth David Kaunda, continuem a dirigir com a mesma determinação, dinamismo, dedicação e lealdade os destinos e o valor do povo zambiano.

Viva a UNIP;
Viva as relações entre a UNIP e o Partido Frelimo;
Viva a amizade entre o povo moçambicano e o povo zambiano;
Viva o Camarada Kenneth Kaunda, Presidente da UNIP e Presidente da República da Zâmbia;
Viva a 9.ª Conferência Geral da UNIP;
«One Zambia, one Nation»;
«One Nation, one Leader, and that Leader, Dr. Kaunda».
A LUTA CONTINUA!



Imagem histórica colhida na Conferência da UNIP, que contou com a presença de oito Chefes de Estado e de Governo. Na foto, em segundo plano e da esquerda para a direita, podem-se ver os Presidentes Quett Masire, do Botswana, Samora Machel, da RPM, Juvenal Habyarimana, do Ruanda, Julius Nyerere, da Tanzânia, o Primeiro-Ministro do Zimbabwe; Robert Mugabe, e os Presidentes Milton Obote, do Uganda, Kenneth Kaunda, da Zâmbia (país anfitrião) e Jean-Baptiste Bagaza, do Burundi — uma ocasião rara, reveladora da amizade e solidariedade para com a Zâmbia, a UNIP e seu Presidente. Foto de Kok Nam

do as sanções decretadas pela Comunidade Internacional contra o regime ilegal e racista de Ian Smith.

Obrigado Camarada Presidente! A história de um povo é feita com sangue, é feita com sacrifício, é feita sempre com morte e luto.

O povo da Zâmbia tem um mérito especial. A Zâmbia estava rodeada pelo colonialismo português, do lado moçambicano, e pelo regime da Rodésia. Hoje, continua a estar rodeada pelo regime racista da África do Sul, através da Namíbia. Do lado de Angola, esteve também rodeada pelo colonialismo português. E isto teve grande influência no desenvolvimento económico e cultural do País. A Zâmbia só tinha uma porta que era a Tanzânia.

Por isso no relatório, ontem, vivíamos profundamente emocionados com estes tremendos sucessos alcançados ao longo destes 19 anos de guerra prolongada contra a Zâmbia. E, apesar destas vitórias, a Zâm-

mente aos povos africanos as potencialidades que uma correcta cooperação e inter-ajuda podem libertar no combate contra a dependência criada pelo colonialismo.

Só países independentes e soberanos, conscientes dos interesses reais dos seus povos e da importância histórica da sua acção poderiam ter decidido a construção da linha férrea Tazara. Hoje podemos afirmar que Tazara constitui o primeiro passo na alteração da estrutura económica dependente que o imperialismo criou para explorar a nossa região. Hoje podemos afirmar que o espírito que presidiu à construção da Tazara inspirou os princípios consagrados na SADCC que, em Abril de 1980, havia de nascer em Lusaka.

Com este mesmo espírito de libertação ligamos directamente as nossas províncias Oriental e de Tete na estrada Bene-Cassecatiza.

É este o espírito que deve guiar a cooperação africana, numa via total-